

Representações de Σελήνη na Antiguidade Clássica: esboço de um roteiro literário

RUI TAVARES DE FARIA*

Triomphe (1989, 3) afirma que a Lua sempre ocupou um lugar importante na Antiguidade, quer ao nível do calendário, quer ao nível das crenças, quer ainda ao nível da astronomia, domínios aos quais se liga a literatura, em particular a poesia lírica e a poesia trágica¹. Importa, em primeiro lugar, registar um apontamento linguístico relativo à significação do termo *Lua*. No Latim, no Grego e nas línguas antigas dos ramos germânico e eslavo, as designações da Lua têm na sua base o radical *-men*, que se apresenta, em alemão, sob a forma *mond*, seguida por uma consoante dental, unidade lexical que se aproxima do próprio nome do dia da semana *Montag*, tal como encontramos em francês *Lundi* e em espanhol *Lunes*, substantivos provenientes da forma latina *Luna*. Em Latim e em Grego, a Lua separou-se das nomeações associadas ao calendário e tal fenómeno linguístico, considerado por muitos especialistas um *tabu*, se deverá, atesta Triomphe, à reverência da crença mitológica que a Lua inspirava. A designação em Grego Antigo de Lua – *μήνη* –, próxima da palavra *μήν*, que significa precisamente *mês* e que subsistiu na língua popular, foi gradualmente adaptada e substituída por um nome de origem religiosa, *Σελήνη*. Trata-se de um substantivo derivado do adjetivo *σέλας*, isto é, luminoso, brilhante, em

* CECH, Universidade de Coimbra; Universidade dos Açores, Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0529-9107>. E-mail: rui.mv.faria@uac.pt.

1 A designação de poesia trágica adoptada neste texto segue o preceituado por Aristóteles na *Poética*.

português. Assim, *Σελήνη*, enquanto substantivo, quer dizer *a luminosa, a resplandecente, a brilhante*. Do mesmo modo, a língua latina, pondo de parte o nome *mensis*, usado para designar *mês*, adoptou *lu(c)-na*, substantivo derivado de *lux, lucis (luz)*, mantendo o sufixo *-n* do Grego Antigo. Na língua latina, *luna*, enquanto *luz*, assume-se como uma medida de tempo, tendo por base a unidade que é o mês.

No âmbito da literatura, tanto a *Σελήνη* grega como a *Luna* latina, figuras divinizadas, estão associadas à luz, à passagem do tempo e ao mistério. O seu nascimento é registado por Hesíodo, na *Teogonia* (2014, 56, vv. 371-374).

θεία δ' Ἡελίον τε μέγαν λαμπράν τε Σελήνην
Ἦῶ θ', ἣ πάντεσσιν ἐπιχθονίοισι φαείνει
ἀθανάτοις τε θεοῖσι, τοῖ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσι,
γείναθ' ὑποδμηθεῖσ' Ὑπερίωνος ἐν φιλόττη.²

O grande Sol e a Lua brilhante
E a Aurora, que brilha para todos quantos cobrem a terra
E para os deuses imortais que habitam o vasto céu,
Nasceram de Teia entregue ao amor de Hiperíon.

Σελήνη pertence, de acordo com a genealogia hesiódica, à terceira geração de deuses, os titãs, e é uma das netas de Urano. É apresentada como *λαμπράν* (v. 371), *brilhante, resplandecente*, adjectivo que a singulariza pela sua luminosidade e cor. Ao lado do Sol e da Aurora, Selene detém a mesma grandiosidade que o astro-rei e que o momento do dia da alvorada.

O Hino Homérico dedicado ao Sol regista, porém, uma diferente origem materna da Lua:

ἥλιον ὑμνεῖν αὐτε Διὸς τέκος ἄρχεο Μοῦσα,
Καλλιόπη, φαέθοντα, τὸν Εὐρυφάεσσα βοῶπις
γείνατο Γαίης παιδί καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος:
γῆμε γὰρ Εὐρυφάεσσαν ἀγακλειτὴν Ὑπερίων,
αὐτοκασιγνήτην, ἣ οἱ τέκε κάλλιμα τέκνα,
Ἦῶ τε ῥοδόπηχυν ἐυπλόκαμόν τε Σελήνην

2 Os textos que neste artigo se transcrevem, nas versões originais em língua grega e em língua latina, encontram-se disponíveis *online*, no sítio da Biblioteca Digital Perseus: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>.

Ἡελίον τ' ἀκάμαντ', ἐπιείκελον ἀθανάτοισιν,
ὃς φαίνει θνητοῖσι καὶ ἀθανάτοισι θεοῖσιν
ἵπποις ἐμβεβῶς:

Filha de Zeus, ó musa Calíope, entoa agora um hino ao radioso Sol,
que Eurufaissa, a dos grandes olhos, deu à luz do filho da Terra e do Céu;
Hiperión tinha, na verdade, desposado a gloriosa Eurufaissa,
sua própria irmã, que lhe pôs ao mundo lindos filhos –
a Aurora dos róseos braços, a Lua com as belas tranças e
o infatigável Sol que, tal qual os Imortais,
ilumina os mortais e os deuses do cimo
do seu carro puxado a cavalos.³

Além da genealogia diversa da apresentada por Hesíodo, os atributos de Selene não se restringem ao seu brilho (cf. vv. 8-9), traço que partilha com o Sol e com a Aurora. No Hino ao Sol, o poeta alude às *belas tranças* (v. 5), elemento que humaniza a deusa-Lua.

No Hino Homérico dedicado a Hermes, a Selene é atribuída uma outra paternidade:

ἦ δὲ νέον σκοπιῆν προσεβήσατο διὰ Σελήνην,
Πάλλαντος θυγάτηρ Μεγαμηδείδαο ἄνακτος.

A divina Selene, filha do ilustre Palas Megamédides,
Sobe ao seu observatório celeste.⁴

Nos versos transcritos, não constam características de Selene, apenas a referência à sua origem divina.

No teatro grego, o poeta trágico Eurípedes refere-se à genealogia da Lua, nas *Fenícias*, pela invocação de Antígona, dando-lhe como pai o próprio Sol:

Ἀντιγόνη

ὦ λιπαροζώνου θυγάτερ Ἀελίου
Σελαναία, χρυσεόκυκλον φέγγος,
ὡς ἀτρεμαῖα κέντρα καὶ σῶφρονα

3 Tradução do autor (vv. 1-9, Hino Homérico ao Sol).

4 Tradução do autor (vv. 99-100, Hino Homérico a Hermes).

πώλοις μεταφέρων ἰθύνει.
 ποῦ δ' ὄς τὰ δεινὰ τῆδ' ἐφυβρίζει πόλει;

Antígona

Ó filha do Sol de brilhante grinalda, Lua,
 com o seu resplendor envolto em ouro,
 com que chicote preciso e com que calma
 ele o transfere de um cavalo para o outro,
 para avançar. Onde está aquele que lançou
 terríveis ameaças sobre a cidade, Capaneu?⁵

Embora diversificadas, as origens genealógicas que os poetas atribuem a Selene comprovam inequivocamente a sua importância para os Gregos. Se a genealogia se afigura difusa, ao que se pôde apurar, daí ser ainda objecto de estudos e interpretações por parte de certos classicistas, as ligações amorosas de Selene e a eventual descendência que a deusa garantiu são também controversas e imprecisas. Pierre Grimal assinala, a esse propósito, que Selene “é célebre pelos seus amores: de Zeus, teve uma filha, chamada Pandeia. Na Arcádia, o seu amante foi o deus Pã, que lhe deu, como presente, uma manada de bois brancos. O mais corrente, contudo, é apresentá-la como amante do belo pastor Endímion, de quem teria tido cinquenta filhas. Atribui-se, por vezes, aos seus amores o nascimento do herói Naxo” (Grimal 1999, 414).

De modo a atenuar todas estas imprecisões, é o Hino Homérico dedicado a Selene o melhor testemunho dos apontamentos mitológicos que amiúde são reproduzidos e referenciados em dicionários da especialidade:

Εἰς Σελήνην

μήνην ἀείδειν τανυσίπτερον ἔσπετε, Μοῦσαι,
 ἠδυεπεῖς κοῦραι Κρονίδεω Διός, ἱστορες ᾠδῆς:
 ἥς ἄπο αἴγλη γαῖαν ἐλίσσεται οὐρανόδεικτος
 κρατὸς ἀπ' ἀθανάτοιο, πολὺς δ' ὑπὸ κόσμος ὄρωρεν
 αἴγλης λαμπύσης: στίλβει δέ τ' ἀλάμπετος ἀήρ
 χρυσέου ἀπὸ στεφάνου, ἀκτῖνες δ' ἐνδιάονται,
 εὔτ' ἂν ἀπ' Ὠκεανοῖο λοεσσαμένη χροά καλόν,
 εἴματα ἔσσαμένη τηλαυγέα δῖα Σελήνη,
 ζευξαμένη πώλους ἐριαύχενας, αἰγλήεντας,

5 Tradução do autor (vv. 175-179, *Fenícias* de Eurípides).

ἐσσυμένως προτέρωσ' ἐλάση καλλίτριχας ἵππους,
 ἐσπερίη, διχόμηνος: ὃ δὲ πλήθει μέγας ὄγμος
 λαμπρόταταί τ' αὐγαὶ τότ' ἀεζομένης τελέθουσιν
 οὐρανόθεν: τέκμων δὲ βροτοῖς καὶ σῆμα τέτυκται.
 τῇ ῥά ποτε Κρονίδης ἐμίγη φιλότητι καὶ εὐνῆ:
 ἦ δ' ὑποκουσαμένη Πανδείην γείνατο κούρην,
 ἐκπρεπὲς εἶδος ἔχουσιν ἐν ἀθανάτοισι θεοῖσι.
 χαῖρε, ἄνασσα, θεὰ λευκώλενε, δία Σελήνη,
 πρόφρον, ἐυπλόκαμος: σέο δ' ἀρχόμενος κλέα φωτῶν
 ἄσομαι ἡμιθέων, ὧν κλείουσ' ἔργματ' αἰοδοί,
 Μουσάων θεράποντες, ἀπὸ στομάτων ἐροέντων.

Hino a Selene

Cantai docemente a eterna Selene alada, ó Musas,
 filhas do Crónida Zeus, vós que sois a voz imortal!
 É dela, é do seu pai imortal que emana, implantando-se
 na terra, o esplendor que aparece no céu:
 surge o vasto manto da sua esplêndida luz.
 O véu obscuro onde brilham os seus raios
 ilumina-se como uma coroa de ouro,
 quando a divina Selene, depois de ter banhado
 o seu esbelto corpo no Oceano, enverga vestes radiantes
 e puxa, poderosa e vivamente, os seus corcéis de brilhantes crinas,
 enquanto cai a noite, a meio do mês.
 O orbe está pleno e do alto do céu brilham,
 com excelsa luz, os raios da Selene crescente:
 ela é um sinal, um indício para os mortais.
 Foi a ela que, outrora, o Crónida se uniu de amores,
 penetrando o seu leito; ela acedeu aos seus caprichos
 e dele gerou uma filha, Pandeia, cuja beleza
 resplandece entre os deuses imortais.
 Salve, ó soberana deusa de alvos braços, divina
 e benevolente Selene com belos cabelos entrançados.
 Será começando por ti que eu cantarei a glória
 dos semideuses cujas obras celebram os Poetas,
 fiéis servidores das Musas.⁶

6 Tradução do autor (Hino Homérico dedicado a Selene).

O Hino ao Sol e o Hino a Selene formam um díptico, no entender de Jean Humbert, esplendoroso dos dois astros e das respectivas carruagens e ambos encerram com o compromisso do poeta em cantar e celebrar os semideuses. Não obstante as simetrias, nada permite datar com exactidão a redacção destes dois textos: há autores que entendem que o Hino Homérico a Selene foi escrito depois do dedicado ao Sol, funcionando em relação a este como um apêndice ou prolongamento simétrico, a nível temático e a nível formal. Outros classicistas reconhecem e apontam diferenças pontuais entre os dois. Em ambos os encómios, há uma representação laboriosamente expressiva de composições como especificidades próprias de cada um dos astros celebrados:

En effet, bienqu'Hélios fût considéré comme un Dieu plutôt barbare que grec (Aristophane, *Paix*, 406) et que son culte ne fût guère répandu en Grèce, il n'en était pas moins une puissance divine respectée: les petits enfants d'Athènes lui criaient, quand il était caché par un nuage: "Sors, notre ami le Soleil!" (Wilamowitz, *Gl. Hell.* I, 254). L'astre était une divinité trop visible pour qu'on pût le faire entrer facilement dans une mythologie anthropomorphique: mais, pendant toute la durée du jour, son orbe n'était pas sujet à des faillances périodiques, comme la Lune. (Humbert 2014, 246)

Selene nunca teve um culto oficial no antigo mundo grego. Como se lê no Hino Homérico que lhe é endereçado, ela é um *signal*, um *indício* da durabilidade do tempo e sua cúmplice que, envolta em mistério, ora cresce, ora se esconde, ora surge, ora não surge; daí estar frequentemente associada a rituais sombrios, a práticas de feitiçaria e de magia amorosa/erótica: o *Idílio II* de Teócrito, intitulado "A Feiticeira", é ilustrativo desta associação. A protagonista enunciativa do idílio teocritiano é Simeta. Trata-se de uma jovem mulher que entoa um cerimonial de magia amorosa e invoca Selene e Hécate como divindades propiciadoras dos seus intentos. Cláudia Cravo dividiu o *Idílio II* em duas partes, tendo em conta o conteúdo e os destinatários divinos de Simeta: assim, a primeira é dirigida a Hécate-Ártemis e, pela sua excentricidade, distancia-nos da protagonista; a segunda, por sua vez, dirige-se à Lua e leva-nos a partilhar dos sentimentos da pobre rapariga. Muito desiguais, não só na matéria que tratam como também em extensão, as duas "canções" acabam, todavia, por formar um conjunto harmonioso. Esta coerência parece dever-se a vários factores: à declaração inicial de Simeta (v. 11) de que irá dirigir-se à Lua e a Hécate; à saudação das divindades em questão antes do início da primeira

“canção” (v. 14) e no final da última (v. 165); e, principalmente, ao uso de um refrão ao longo de cada uma delas (Cravo 2008, 113).

Para melhor se apurar a relevância de Selene nestas cerimónias, a leitura dos primeiros versos do *Idílio II* é enriquecedora:

Φαρμακείτρια

πᾶ μοι ταὶ δάφναι; φέρε Θεστυλί: πᾶ δὲ τὰ φίλτρα;
 στέψον τὰν κελέβαν φοινικέω οἴος ἀώτῳ,
 ὡς τὸν ἐμὸν βαρὺν εὖντα φίλον καταθύσομαι ἄνδρα,
 ὅς μοι δωδεκαταῖος ἀφ' ὧ τάλας οὐδέποθ' ἴκει,
 οὐδ' ἔγνω πότερον τεθνάκαμες ἢ ζοὶ εἰμές.
 οὐδὲ θύρας ἄραξεν ἀνάρσιος. ἦ ῥά οἱ ἀλλᾶ
 ὦχετ' ἔχων ὄτ' Ἔρωσ ταχινὰς φρένας ἅ τ' Ἄφροδίτα;
 βασεύμαι ποτὶ τὰν Τιμαγήτοιο παλαίστραν
 αὔριον, ὡς νιν ἴδω, καὶ μέμψομαι οἷά με ποιεῖ.
 νῦν δὲ νιν ἐκ θυέων καταθύσομαι. ἀλλὰ Σελάνα,
 φαῖνε καλόν: τιν γὰρ ποταεῖσομαι ἄσυχᾶ, δαῖμον,
 τᾶ χθονία θ' Ἐκάτα, τὰν καὶ σκύλακες τρομέοντι
 ἐρχομένην νεκῶν ἀνά τ' ἠρία καὶ μέλαν αἶμα.
 χαῖρ' Ἐκάτα δασπλήτι, καὶ ἐς τέλος ἄμμιν ὀπάδει.
 φάρμακα ταῦτ' ἔρδοισα χερεῖονα μῆτέ τι Κίρκης
 μῆτέ τι Μηδείας μῆτε ξανθᾶς Περιμήδας.

A Feiticeira

Onde estão as minhas folhas de louro? Trá-las, Téstilis!

E onde estão os feitiços de amor? Coroa a taça com fina lã escarlate, porque vou amarrar o homem amado que tanto me faz sofrer.

Há já onze dias que não me visita, o desgraçado, nem se preocupa em saber se estou viva ou se estou morta.

E nem sequer bateu à porta, o miserável!

Decerto, Eros e Afrodite levaram para outro lado o seu coração volúvel.

Irei amanhã à palestra de Timageto para o ver e hei-de acusá-lo do mal que me faz.

Mas agora vou amarrá-lo com os meus feitiços!

Brilha então, ó Lua, em todo o teu esplendor!

A ti, deusa, num murmúrio, entoarei os meus encantamentos, e a Hécate infernal.

Diante dela até os cães tremem, quando passa por entre os túmulos dos mortos e o sangue negro.

Salve, ó Hécate terrível!

Assiste-me até ao fim, para que estas drogas sejam tão fortes como as de Circe, ou de Medeia ou da loura Perimede.⁷

Desta parte introdutória do idílio constam os preparativos para o encantamento sob a protecção de Selene e Hécate. Selene é a personificação da Lua, entidade muitas vezes invocada nos papiros mágicos por aqueles que necessitam de ajuda. Um escólio ao passo transcrito, apoiado em Píndaro, explicita o seguinte: os homens apaixonados invocam o Sol e as mulheres apaixonadas, a Lua. Note-se que Selene funciona aqui como a contrapartida celestial da infernal Hécate, a quem Simeta se dirige *a posteriori*, e que, por conseguinte, não deve ser vista como a pacífica deusa da noite, mas sim como a divindade da magia que vai presenciar e testemunhar as práticas nocturnas sobrenaturais que vão ser cerimoniadas. Quanto à invocação a Hécate, deve salientar-se que, desde a época clássica, ela era conhecida como a deusa soberana da magia e, como tal, era a mais venerada e evocada pelas feiticeiras, que acreditavam que dela dependia inteiramente a eficácia dos seus rituais. Justifica-se o cântico que Simeta lhe entoa, logo a seguir a Selene, e, mais adiante, rogará ajuda a Ártemis.

Cláudia Cravo refere que podemos ver estas três deusas como representações de uma mesma entidade, pois na época de Teócrito elas confundiam-se umas com as outras. Hécate encontrava-se frequentemente associada à Lua, do mesmo modo que era identificada com Ártemis, também ela conhecida como uma divindade lunar. Por esse motivo, aparecia muitas vezes representada com três cabeças (e.g., Ov., *Met.* 7.194: *triceps Hecate*) ou com um triplo corpo (e.g. Ov., *Met.* 7.177: *diuatriformis*), como símbolo das três formas que podia assumir: a celeste, a terrestre e a infernal (Cravo 2008, 137).

A partir do v. 69, o refrão do Ilídio II altera-se e passa a ser: “φράζεό μιν τὸν ἔρωθ’ ὄθεν ἴκετο, πόντα Σελάνα”⁸, e repete-se doze vezes até ao final da canção. Aí se confirma a importância que Selene tem para a feiticeira Simeta. A deusa-astro assume-se não só como cúmplice do seu ritual, mas também – senão sobretudo – como confidente do estado emocional da protagonista, uma figura sofredora e desamparada. Ao longo do idílio, Selene tem o papel de interlocutora dos desabafos de Simeta, quando esta última, nos vv. 142-144, claramente num registo de intimidade, lhe diz:

7 Tradução de Cláudia Cravo (vv. 1-16, *Idílio II* de Teócrito).

8 “Presta atenção, ó Lua soberana, à origem do meu amor!”

χῶς κά τοι μὴ μακρὰ φίλα θρυλέοιμι Σελάνα,
ἐπράχθη τὰ μέγιστα, καὶ ἐς πόθον ἦνθομες ἄμφω.

Para não alongar mais a história, querida Lua,
o mais grave aconteceu e ambos saciámos o nosso desejo.⁹

Mantendo a sua função confidente de infortúnios amorosos, Selene, tendo presenciado a tristeza de Medeia, enfeitiçada por Eros para se enamorar de Jasão, na versão legada pela tradição helenística das *Argonáuticas*, de Apolónio de Rodes, exterioriza, tal uma mulher em sofrimento, os seus amores por Endímion:

τὴν δὲ νέον Τιτηνὶς ἀνερχομένη περάτηθεν
φοιταλέην ἐσιδοῦσα θεὰ ἐπεχίρατο Μῆνη
ἀρπαλέως, καὶ τοῖα μετὰ φρεσὶν ἦσιν ἔειπεν:
‘οὐκ ἄρ’ ἐγὼ μούνη μετὰ Λάτμιον ἄντρον ἀλύσκω,
οὐδ’ οἷη καλῶ περιδαίομαι Ἐνδυμίωνι:
ἦ θαμὰ δὴ καὶ σείο κίον δολίησιν αἰοδαῖς,
μνησαμένη φιλότητος, ἵνα σκοτίῃ ἐνὶ νυκτὶ
φαρμάσσης εὐκηλος, ἃ τοι φίλα ἔργα τέτυκται.
νῦν δὲ καὶ αὐτὴ δῆθεν ὁμοίης ἔμμορες ἄτης:
δῶκε δ’ ἀνιηρόν τοι Ἰήσονα πῆμα γενέσθαι
δαίμων ἀλγινόεις. ἀλλ’ ἔρχεο, τέτλαθι δ’ ἔμπης,
καὶ πινυτὴ περ εὐοῦσα, πολύστονον ἄλγος ἀείρειν.

Selene, a deusa filha do Titã, que se acercara perto por um momento, ao vê-la a lamentar-se, alegrou-se com fruição e, falando consigo própria, disse as seguintes palavras:

Pelos vistos não sou a única a lamentar-se, na gruta de Latmos, por amor, por causa do meu belo Endímion. Ah! Quantas vezes me lembrei também eu, da minha paixão, e do que me fazias, devido aos teus encantos, deixando a noite sem lua, para que pudesses fazer os teus feitiços de amor. E agora vives infortunada como eu! O deus menino deu-te Jasão e com ele um sofrimento amoroso. Segue em frente, tenta levantar, astuta como és, a dor de mil gemidos que te assola!¹⁰

9 Tradução de Cláudia Cravo (vv. 142-144, *Idílio II* de Teócrito).

10 Tradução do autor (vv. 55-65, *Argonáuticas* de Apolónio de Rodes).

Os versos transcritos mostram uma Selene *emocionalmente* humanizada e a lamentação que exprime deve ser vista sob duas perspectivas: por um lado, Selene regozija-se por Medeia estar a sofrer por causa de Jasão e, por outro, mostra certo desagrado e resignação, por, em sua intercessão, os feitiços da filha de Eetes não estarem a resultar como o pretendido.

É esta representação da Lua, personificação de uma deusa entristecida pelo seu infortúnio amoroso, que Ovídio evoca nas *Heróides*: Selene torna-se cúmplice e confidente daqueles que sofrem por amor. Na XVIII *Heróide*, suposta carta redigida por Leandro a Hero¹¹, diz o enamorado:

XVIII. Leander Heroni

nox erat incipiens – namque est meminisse voluptas –
 cum foribus patriis egrediebar amans.
 nec mora, deposito pariter cum veste timore
 iactabam liquido bracchia lenta mari.
 luna fere tremulum praebebat lumen eunti
 ut comes in nostras officiosa vias.
 hanc ego suspiciens, ‘faveas, dea candida,’ dixi,
 ‘et subeant animo Latmia saxa tuo.
 non sinit Endymion te pectoris esse severi;
 flecte, precor, vultus ad mea furta tuos!
 tu dea mortalem caelo delapsa petebas;
 vera loqui liceat! – quam sequor ipsa dea est.
 neu referam mores caelesti pectore dignos,
 forma nisi in veras non cadit illa deas.
 a Veneris facie non est prior ulla tuaque;
 neve meis credas vocibus, ipsa vide!
 quantum, cum fulges radiis argentea puris,
 concedunt flammis sidera cuncta tuis,
 tanto formosis formosior omnibus illa est;
 si dubitas, caecum, Cynthia, lumen habes.’

11 Leandro e Hero, os protagonistas; Abidos e Sestos, os lugares, cada cidade de um dos lados do estreito do Bósforo. Leandro vivia em Abidos e amava Hero, que morava do outro lado. Todas as noites Leandro atravessava a nado o mar, para se juntar a ela, concretizando, assim, um amor que lhe estava vedado. No caminho, ele orientava-se pela luz de uma lanterna que ela acendia no alto da sua torre.

A noite estava no seu começo – pois esta lembrança é um prazer –, quando eu saía os portais da casa de meu pai, por amor; e, sem demora, deixando no chão, à uma, roupa e medo, lançava os braços devagar, nas águas do mar; a lua oferecia um pouco de luz trémula a quem avançava, como se fora parceira activa em meu caminho.

Disse-lhe entre suspiros: “Favorece-me, ó deusa resplandecente, e acudam ao teu espírito os penedos de Latmos; não consentiu Endimião que tivesses coração duro; inclina, eu te peço, o teu rosto para meus amores furtivos. Tu, ó deusa, vinda do céu, era um mortal que buscavas; seja-me consentido falar verdade: aquela que persigo é uma deusa; para não falar de seu carácter, digno de coração divino, aquela formosura não cabe em sorte a não ser a verdadeiras deusas. Beleza alguma a supera, depois da Vénus e da tua; e, se não acreditas nas minhas palavras, vê tu própria. Quanto, nas noites em que brilhas, da cor da prata, com teus raios, cedem todos os astros a teu lume, tanto mais formosa do que todas as formosas é ela; se tens dúvidas, ó Cíntia, é cego o lume do teu olhar”.¹²

É inquestionável a beleza do excerto transcrito. É dos espécimes da literatura latina que melhor retratam a divinizada Lua. Do ponto de vista psicológico, confirma-se o papel de guia confidente dos amantes, de apoio emocional para os que manifestam sofrimento amoroso, de “parceira activa” no caminho dos enamorados. Ao evocar o amor por Endímion, Leandro tenta aproximar a Lua da sua situação e pede-lhe consentimento para a concretização da sua paixão: “inclina, eu te peço, o teu rosto para meus amores furtivos”. Do ponto de vista físico, a deusa-astro é insuperavelmente bela; mais do que ela só Vénus. Ela é esplendorosa e resplandecente, portadora de brilho e luz e aos seus raios e ao seu lume “cedem todos os astros”. O tom encomiástico que perpassa toda esta passagem serve o intuito do sujeito enunciativo, Leandro, que pretende obter da Lua protecção para o seu amor, confirmando muitos dos traços que Selene/Lua ganhou pela pena dos poetas gregos arcaicos e alexandrinos.

Também Séneca, poeta trágico latino, evocou os contributos amorosos de Selene, bem como os seus atributos luminosos, em *Fedra*:

Chorus

arsit obscuri dea clara mundi
nocte deserta nitidosque fratri
tradidit currus aliter regendos:

12 Tradução de Carlos Ascenso André (vv. 55-74, *XVIII Heróide* de Ovídio).

ille nocturnas agitare bigas
 discit et gyro breviorē flecti,
 dum tremunt axes graviorē currū;
 nec suum tempus tenuere nectes
 et dies tardo remeavit ortu.

Ardeu a radiante deusa do mundo obscuro na noite deserta e entregou ao seu irmão o brilhante carro que devia guiar de outro modo: ele aprende a levar a viga nocturna e a contornar órbitas mais breves; e as noites não tiveram as suas horas e o dia retornou num tardio amanhecer, enquanto tremem os eixos do carro mais carregado.¹³

Neste passo, Séneca alude ao contributo da Lua, com recurso à sua caruagem, para que a noite de amor entre Júpiter e Alcmena tivesse sido longa. Assinala Leonor Pérez Gómez que

la conducción del carro de la Luna es distinta de la del Sol, bien porque en un caso se trata de una biga, en el otro, de una cuadriga (Grimal), bien porque las órbitas de ambos astros son diferentes (Kunst). El carro se encuentra más cargado por el distinto peso de los hermanos (cfr. Homero, *Iliada*, 5, 837 e Ovidio, *Met.* 2, 161). (Séneca 2012, 562)

E retoma o Coro de *Fedra*:

Chorus

aut te stellifero despiciens polo
 sidus post veteres Arcadas editum
 currus non poterit flectere candidos.
 et nuper rubuit, nullaque lucidis
 nubes sordidior vultibus obstitit:

Enquanto te contempla do céu estrelado, o astro que nasceu depois dos velhos árcades não poderá governar o seu carro branco. Olha, há pouco clareou e nenhuma nuvem obscura ocultou o seu rosto luminoso.¹⁴

13 Tradução do autor.

14 Tradução do autor.

Nesta intervenção, evidencia-se de novo o carácter protector da Lua que, perante os infortúnios da protagonista da tragédia senequiana, oferece o seu rosto confidente e de conforto, fazendo parar inclusivamente o seu carro, que é o mesmo que interromper o natural curso da noite.

Através das referências apresentadas e das linhas de comentário que se foram brevemente tecendo, o esboço de um roteiro literário de Selene/Lua na literatura greco-latina fica delineado, permitindo a investigação mais aprofundada a todos quanto queiram dedicar-se aos estudos que sobre a deusa-astro brilhante possam vir a ser desenvolvidos.

Bibliografia

- CRAVO, Cláudia. 2008. “Magia Erótica e Arte Poética no Idílio II de Teócrito”, tese de doutoramento, Faculdade de Letras de Coimbra.
- GRIMAL, Pierre. 1999. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, coordenação e edição portuguesa de V. Jabouille, 3.^a ed. Lisboa: Difel.
- HESÍODO. 2014. *Teogonia. Trabalhos e Dias*, introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira, 2.^a ed. Lisboa: IN-CM.
- HOMÈRE. 2014. *Hymnes*, anotado e traduzido por Jean Humbert, 10.^a tiragem. Paris: Les Belles Lettres.
- OVÍDIO. 2016. *Heróides*, tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André. Lisboa: Cotovia.
- SENECA, 2012. *Tragedias completas*, edição de Leonor Pérez Gómez. Madrid: Cátedra.
- TEÓCRITO. 1986. *Bucólicos Griegos*, introduções, traduções e notas por Manuel García Teijeiro e Maria Teresa Molinos Tejada. Madrid: Gredos.
- _____. 1972. *Bucoliques Grecs*, anotado e traduzido por Ph. E. Legrand, 7.^a tiragem. Paris, Les Belles Lettres.
- TRIOMPHE, R. 1989. “La lune vue par les Grecs”. In *Publ. Obs. Astron. Strasbourg. Série “Astronomie et Sciences Humaines”* 3: 3-15. <https://ethnologie.unistra.fr/websites/ethnologie/Documents/ASH/ASCH03.pdf>